

## Tecendo redes de extensão em São Gonçalo: a experiência do Vozes da Educação

Weaving extension networks in São Gonçalo: the experience of the Voices of Education

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais<sup>1</sup>,  
Mairce da Silva Araújo<sup>2</sup>, Marcia Soares de  
Alvarenga<sup>3</sup> e Maria Tereza Goudard Tavares<sup>4</sup>

*Se não existissem catadores de pensamentos,  
os pensamentos ficariam o tempo  
todo se repetindo e provavelmente  
um dia deixariam de existir.*

Feth e Boratynski

### Introduzindo a discussão

Compartilhar a experiência de formação-investigação que temos vivido no “Vozes da Educação” é objetivo maior do presente artigo. Nos valem do livro de Feth e Boratynski<sup>1</sup> como ponto de partida para contarmos essa história. Como “catadores de pensamentos” temos a preocupação de não deixarmos morrer histórias e memórias das escolas e, para isso, construímos diálogos com as instituições escolares da rede pública de São Gonçalo.

Propomos a implantação de “núcleos de memórias nas escolas” nos quais as memórias/pensamentos de professores(as), alunos(as), funcionários(as), comunidades das escolas e dos seus entornos possam contribuir para a organização de projetos de futuro na formação docente inicial e continuada.

Na constituição do Vozes da Educação temos privilegiado ouvir as “vozes do passado”, não com uma postura saudosista, de retorno às experiências passadas a fim de recolhê-las ou revivê-las, mas na compreensão atenta de pistas e indícios que desvelem, para nós, “horizontes de possibilidades”<sup>2</sup> na revitalização da formação e da ação docente.

### Nosso caminho teórico-metodológico

Criado em outubro de 1996 pelas “primeiras vozes” Professoras Haydée Figueirêdo (1950-2003),

### Resumo

O artigo busca problematizar concepções de extensão a partir da socialização de algumas experiências de formação-investigação vividas no Grupo “Vozes da Educação”, em especial as que visam o resgate das histórias das escolas gonçalenses. Neste sentido, temos defendido a construção de espaços narrativos nas escolas onde professores(as), funcionários(as) e alunos(as) possam compartilhar histórias e memórias, saberes e práticas, utopias e horizontes. Neste movimento vislumbramos a revitalização do papel da extensão na formação e da ação docente.

**Palavras-chaves:** Extensão; Formação Docente; Vozes da Educação

**Área Temática:** Educação

**Linha de Extensão:** Formação de Professores

<sup>1</sup> Professora Adjunta. UERJ. E-mail: jacquelinemorais@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunta. UERJ. E-mail: mairce@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Adjunta. UERJ. E-mail: msalvarenga@uol.com.br

<sup>4</sup> Professora Adjunta. UERJ. E-mail: mtgtavares@yahoo.com.br

Martha Hees e Maria Tereza Goudard Tavares – o *Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória e História das Escolas de São Gonçalo* se institucionalizou a partir da “motivação, o desejo de conhecer, de reconstruir a memória e a História da Educação escolar gonçalense, de criar interfaces com as escolas e com os diferentes sujeitos escolares”<sup>3</sup>.

O percurso deste Núcleo, dentro da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, traz como uma referência marcante o diálogo com a cidade de São Gonçalo. A afirmação do elo com a cidade e com a sua educação colaborou com a escrita da história do “Vozes” e com a produção de um conhecimento que articula memória, história e formação docente.

Nossas pesquisas, a partir de categorias analíticas tais como *direito à educação, memória, movimentos sociais e políticas públicas, formação de professores/as centrada na escola*, procuram se inscrever na corrente dos debates que vêm atravessando as ciências sociais na contemporaneidade: a centralidade da dimensão local nas sociedades contemporâneas.

Segundo Santos<sup>3</sup>, o local adquire uma centralidade frente à questão do mundial na contemporaneidade. Quando Santos<sup>3</sup>, em sua análise geográfica, opõe mundo a lugar, por exemplo, aponta que ambos funcionam sob influências recíprocas; isto é, o mundo como latência, conjunto de possibilidades, e o lugar como existência, conjunto de oportunidades. “É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do lugar”<sup>3</sup>.

Desta forma, Santos<sup>3</sup> recupera como tarefa central na sua *epistemologia existencial* (e geografia crítica) o exercício de estudar o que cada local tem de singular, de específico, de diferente. Para ele, uma das formas de desvendar a complexidade do real é unir o lugar e o mundo em um mesmo movimento visível. Para isso, recorre a pares de categorias opostas e complementares que facilitam a análise, mas que também permitem captar a tensão presente nessa realidade unitária.

Assim, pares como horizontalidades e verticalidades, tecnosfera e psicosfera, o novo e o velho, o interno e o externo permitem reconstruir uma dinâmica espacial como arena de antagonismos e complementaridades. Globalização e fragmentação, metropolização e desmetropolização, flexibili-

zação e rigidez são processos que coexistem sob uma aparência contraditória, mas que, na verdade, respondem a uma mesma lógica. Razão global e razão local, espaços inteligentes e espaços opacos, solidariedade orgânica e solidariedade organizacional são, segundo Santos<sup>3</sup>, fenômenos qualificados a partir de uma oposição, que se confundem e, ao mesmo tempo, se distinguem e se distanciam.

Estes são alguns exemplos que atravessam a questão do local e do mundial na contemporaneidade e que a obra de Santos<sup>3</sup>, em sua generosidade, nos oferece caminhos para sua compreensão e análise.

No local, diante das novas densidades do meio técnico-informacional, o processo de globalização se materializa, o que implica dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. Um mundial que existe e se revela no local, redefinindo seu conteúdo, sem todavia anular suas singularidades.

São Gonçalo hoje representa o segundo município mais populoso do Rio de Janeiro, em um território de 249 km<sup>2</sup> com 1. 008 064 habitantes (IBGE, 2010). Contudo, temos observado em nossos estudos que a história da educação escolar e não escolar deste grande e representativo município do leste metropolitano do estado, ainda é pouco investigada.

A partir desta constatação, o “Vozes da Educação” tem buscado uma permanente interlocução com o poder local a fim de tecermos polifônica e dialogicamente<sup>4</sup> os fios da educação no território gonçalense com suas instituições, entidades e movimentos sociais.

Além disso, temos desenvolvido parcerias institucionais com vários grupos de pesquisas nacionais e internacionais, tais como Grupo de Pesquisa Alfabetização dos Alunos e Alunas das Classes Populares (GRUPALFA), Grupo de Estudos e Pesquisas Escola Memória e Cotidiano (GPEMC), Programa de Pesquisa, Aprendizagem-Ensino e Extensão em Formação de Profissionais da Educação (Aleph) locados na Universidade Federal Fluminense; Grupo de Estudos e Pesquisas de Professoras(es) Alfabetizadoras(es) Narradoras(es) (GEPPAN), locado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Grupo de Pesquisas e Estudos sobre Educação Continuada (GEPEC) locado na Universidade Estadual de Campinas; Centro de Investigação Identidade(s)

e Diversidade(s) (CIID) locado no Instituto Politécnico de Leiria, e ainda com a Universidade de Évora e a Universidade do Minho, em Portugal.

Nossa história como grupo de Pesquisa e Extensão evidencia uma trajetória construída a partir de ações que articularam um grupo de professores(as) pesquisadores(as) da FFP/UERJ e escolas da rede gonçalense, sindicatos, movimentos sociais, estudantes e bolsistas em um caminho de permanente construção/reconstrução. O Núcleo foi sendo gestado, lentamente, “nas conversas informais, reuniões departamentais, entre cafés e desejos compartilhados<sup>5</sup> gerando diferentes pesquisas, Núcleos de Memória nas Escolas, Cursos de Extensão, Seminários, Gincanas Culturais, dentre tantas outras ações investigativas.

Professores(as) pesquisadores(as) foram se chegando e abrindo sempre a perspectiva de novos projetos e caminhos. Tomamos, com frequência, a imagem do *mosaico* ou do *caleidoscópio* como metáforas representativas da polifonia de vozes, de práticas de investigação-formação que ao mesmo tempo nos articulam enquanto grupo e singularizam os percursos de professores(as) e alunos(as) envolvidos<sup>6</sup>.

### **Alguns resultados das nossas ações investigativas**

Para este artigo, selecionamos dois recortes que trazem alguns dos resultados de nossas pesquisas. No primeiro recorte, apresentamos a criação e implantação de Núcleos de Memória nas escolas, a partir das gincanas culturais, um dos escopos de nossas pesquisas. No segundo recorte, enfocamos os cursos de extensão que temos proposto às escolas-parceiras e o FALE – Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita SG, ações extensionistas-investigativas cujo propósito maior se norteia pelo objetivo de alimentar a articulação ensino-pesquisa-extensão.

#### **1- Núcleos de Memória da Educação**

Discutir sobre Núcleos de Memória requer, inicialmente, a abordagem de uma das ações investigativas-extensionistas que tem sido importante ponto de partida no *Vozes da Educação* para a construção de parcerias, bem como a constituição de seu acervo: a gincana cultural “Sua Memória Vale Uma

História”. Partindo do pressuposto de que também o Núcleo Vozes é um “lugar de memória”, temos investido na potência desta gincana. A partir dela são tecidas redes de ações que possibilitam múltiplas interlocuções com as diferentes comunidades que constituem as escolas gonçalenses. Esta ação partiu do desejo e do compromisso de aglutinar docentes e discentes em torno das atividades de pesquisa e extensão do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores.

Ao iniciarmos essa atividade, na década de 1990, buscávamos romper com uma tradição presente na Faculdade de Formação de Professores, e em especial no Departamento de Educação (DEDU), de oferecer apenas o ensino como atividade acadêmica.

Decidimos, então, construir uma nova proposta de ação. Mas como fazer? O ponto de partida foi pensar em um projeto que nos aproximasse da comunidade de São Gonçalo, tendo em vista o nosso desconhecimento relativo àquela região. Entendíamos, à época, que uma dessas possibilidades estava na perspectiva da História. Mas, onde estariam as fontes?

Conforme rememora uma das fundadoras do Núcleo Vozes:

Éramos apenas três professoras: Haydée da Graça Ferreira de Figueirêdo, professora de História da Educação no Brasil, disciplina eletiva no currículo das diversas licenciaturas oferecidas pela faculdade, Maria Tereza Goudard Tavares, lecionando entre outras disciplinas, Alfabetização para o curso de Pedagogia e Martha Pereira das Neves Hees que lecionava Estrutura e Funcionamento do Ensino, também, para as Licenciaturas.

As três professoras, Mestres em Educação à época, com alguma experiência em pesquisa e engajadas em grupos de pesquisa junto à Universidade Federal Fluminense, passaram a se reunir a fim de redigirem o projeto. Foi a professora Martha Hees, coordenadora do Núcleo no período de 1996 e 1997, quem propôs uma gincana cultural que pudesse resgatar vestígios da história da cidade, das suas instituições e dos seus cidadãos como ponto de partida.

Foi assim que nasceu, no ano de 1996, a I Gincana Cultural “SUA MEMÓRIA VALE

UMA HISTÓRIA” envolvendo estudantes, professores e funcionários da Faculdade de Formação de Professores (FFP). A gincana cultural, composta de várias tarefas (algumas gerais e outras mais específicas), oportunizou a visibilidade do projeto *Vozes da Educação* na cotidianidade da FFP. Apesar das poucas equipes inscritas, a gincana propiciou que professores, alunos e funcionários discutissem as tarefas e se comprometessem a cumpri-las no prazo previsto.

O que fazer com o material da Gincana? Conforme responde Hees:

O primeiro passo foi explorá-lo. Saboreamos cada documento obtido. A partir daí, fizemos uma primeira classificação precária e, nosso arquivo passou a construir um primeiro fundo: Gincana Cultural.

Este fundo dividiu-se nas seguintes séries: provas escolares, propostas governamentais, programas escolares, orientação pedagógica, contratos, fotografias, festas escolares, concursos de remoção, documentos sindicais, diplomas, livros escolares, recortes de jornais.

A partir das gincanas – hoje se encontra em sua quinta edição – vivenciamos um dos mais importantes dispositivos para a organização dos núcleos de memória das escolas gonçalenses. Deste modo, destacamos a criação de nove núcleos de memória que têm permitido situarmos as escolas como “lugar de memória” da história da educação da cidade. Estes núcleos têm sido ainda uma das atividades de extensão e de pesquisa do Núcleo Vozes construído e oferecido em parceria com as professoras da rede pública.

Desta forma, temos hoje instituídos os seguintes núcleos de memória:

- Núcleo de Memória desenvolvido na Escola Municipal Prefeito Nicanor Ferreira Nunes – São Gonçalo/RJ;
- Núcleo de Memória desenvolvido na Escola Municipal Jacinto Costa – Tanguá/RJ;
- Núcleo de Memória desenvolvido na Escola Municipal Armando Leão Ferreira – São Gonçalo /RJ;
- Núcleo de Memória organizado no CIEP 237 – São Gonçalo/RJ;

- Núcleo de Memória desenvolvido na Escola Municipal Castelo Branco – São Gonçalo/RJ;
- Núcleo de Memória sistematizado na E. M. Raul Veiga;
- Núcleo de Memória presente na E. M. Profª Zulmira Mathias Ribeiro;
- Núcleo de Memória da E. M. Educação Infantil Arca de Noé;
- Centro de Memória do CAp-UERJ.

Os núcleos de memória foram organizados e estão sendo desenvolvidos envolvendo professoras além de bolsistas de extensão e de iniciação científica que integram o grupo de pesquisa *Vozes da Educação*. Este trabalho constitui fértil vínculo entre a Universidade e as escolas.

É importante recuperarmos que um dos objetivos dos núcleos de memória das escolas é proporcionar o contato direto com as fontes primárias que visam despertar o interesse dos sujeitos escolares pelo conhecimento da história local e da instituição e dos sujeitos escolares.

Desse modo, entendemos a importância de problematizarmos o conceito de “centro de memória” nas instituições, apontando seu caráter formador, ou seja, reconhecer a memória como ponto de partida para novas lógicas de funcionamento no espaço escolar.

Abaixo reproduzimos o cartaz da última gincana realizada no ano de 2010.



Figura 1. Cartaz da gincana realizada em 2010

## 2- Tecendo redes: a formação-investigação no cotidiano das escolas gonçalenses

Como segundo recorte, trazemos uma outra experiência igualmente representativa de nossos

movimentos: os cursos de extensão propostos às escolas-parceiras numa perspectiva de investigação-formação.

Entendendo, como Canário<sup>8</sup>, a importância de centrarmos nossas ações, não apenas na escola, mas especialmente com a escola, temos elaborado com nossas escolas-parceiras cursos de extensão realizados dentro do horário escolar. Visando discutir o saber/fazer docente na área de alfabetização, temos tido como eixo de reflexão nesses cursos as práticas alfabetizadoras realizadas no cotidiano escolar, com vistas a viver na escola a experiência da comunidade investigativa.

Um dos cursos realizados aconteceu simultaneamente nas escolas: E. M. Castelo Branco – São Gonçalo/RJ, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Marcia Soares de Alvarenga; E. M. Educação Infantil Arca de Noé, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Maria Tereza Goudard Tavares e na E. M. Prof.<sup>a</sup> Zulmira Mathias Ribeiro, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Mairce da Silva Araújo, no segundo semestre de 2007.

O curso foi realizado a partir de sete eixos temáticos, a saber: a formação da professora pesquisadora; a prática alfabetizadora como eixo de reflexão; alfabetização, responsabilidade de todos; da leitura de mundo à leitura da palavra; a alfabetização e a produção de conhecimento; alfabetização: teorias e práticas; alfabetização patrimonial: a escola como lugar de memórias; alfabetização e diferentes linguagens; alfabetização e avaliação. Os encontros de caráter teórico-prático tiveram como ponto de partida situações cotidianas da prática alfabetizadora trazidas pelas professoras, visto que, um dos princípios político-epistemológicos que fundamentam o nosso trabalho no campo da formação de professores, reconhece o/a docente como capaz de construir teorias sobre o seu fazer, sobre a sua prática profissional.

Em nossos encontros buscávamos interlocuções entre os conhecimentos produzidos dentro da Universidade e os produzidos no cotidiano escolar. Ao levarmos para a universidade o conhecimento produzido no chão da escola, reconhecemos a escola como espaço-tempo de uma teoria em movimento. É necessário que a escola seja (re)conhecida e (re)apropriada pelos diferentes sujeitos escolares.

Estimulávamos, assim, a circularidade de saberes entre a universidade e a escola básica, oportunizando que nessa complexa circularidade cul-

tural, surgissem outros saberes e conhecimentos que respondessem aos desafios da alfabetização de crianças, jovens e adultos na rede municipal de São Gonçalo.

Dando ênfase ao enriquecimento do diálogo Universidade – Escola Básica promovido no decorrer das ações extensionistas – investigativas, trazemos algumas reflexões sobre um dos momentos vividos no curso – a aula-passeio.

Na aula-passeio tivemos a oportunidade de ver de perto um patrimônio da cidade – a Fazenda Colubandê, tombado pelo IPHAN, que conserva parte da história e da memória do município. Essa vivência nos proporcionou uma reflexão em relação à preservação e à conservação dos patrimônios, que mexia diretamente com a questão das identidades sociais de professor(as) e aluno(as). Mais que isso, porém, a reflexão sobre a aula-passeio também se configurou como um espaço-tempo de reapropriação de concepções e práticas pedagógicas.

Como nos diz Le Goff, “Monumentos são heranças do passado (...) é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”<sup>9</sup>. Segala<sup>10</sup> acrescenta, “não é apenas o bem que se herda, mas o bem constitutivo da consciência de um grupo, um campo de disputas e de negociações, articulando-se estreitamente à memória e às identidades sociais”<sup>10</sup>.

Até que ponto, esse bem herdado e constitutivo da consciência de um grupo – a Fazenda Colubandê – de fato, é apropriado por crianças e professores(as) das classes populares, como um patrimônio? Que identificações suscita nesses sujeitos?

Questões como essas, que traziam à tona a memória como campo de disputa e negociações, que emergiam nas reflexões junto aos professores(as) nos permitiam ampliar as discussões sobre a importância de uma alfabetização chamada por nós de patrimonial, que possibilite ao sujeito (re)fazer a leitura do mundo que o rodeia, ampliando sua compreensão sobre o universo sociocultural no qual está inserido.

Percebendo a memória como campo de disputa e negociações, contribuíamos para que as professoras se reconhecessem como sujeitos históricos, indagando-se sobre a história silenciada de tantos outros grupos como os operários, as mulheres, as crianças, as comunidades quilombolas etc. Por conseguinte, indagavam-se também sobre as

histórias que têm sido privilegiadas pelos currículos escolares, lembradas e destacadas como histórias e memórias universais, como se abarcassem toda a população.

O movimento de reflexão sobre a memória e história do município de São Gonçalo, proporcionado pela aula-passeio, nos possibilitava também refletir sobre o acesso à leitura e a escrita como um direito a um bem herdado – um patrimônio cultural produzido pela humanidade, que tem sido negada a um grande contingente da população, como afirma Freire<sup>11</sup>, em “Educação como prática da liberdade”.

Além de discutir sobre o acesso à leitura e à escrita como um direito que tem sido negado a grande parte da população, a experiência vivida na aula-passeio também nos remeteu à reflexão sobre o processo pedagógico em curso no cotidiano escolar:

A própria escola não faz um trabalho de reflexão, de levar a turma para conhecer as coisas na prática. A criança, na maioria das vezes, não conhece a sua própria cidade, só se o pai e mãe passeiam com ele. Na maioria das vezes eles passam por um posto de saúde e falam que é a prefeitura, por causa das cores, pelo menos alguns associam assim. (depoimento de uma das professoras).

A reflexão sobre a prática, anunciadora de novas possibilidades, se fazia presente na fala da professora. O reconhecimento da cidade como um texto alfabetizador<sup>12</sup>, produtor de leituras de mundo que precisam ser rediscutidas pela escola, favorecendo a construção de novas palavras-mundo que expressassem uma compreensão ampliada sobre a realidade sociocultural no qual crianças e professores(as) estão inseridas, se colocava como novas temáticas a serem discutidas e reapropriadas no contexto escolar, fortalecendo os princípios formativos do Vozes da Educação no diálogo com a escola e seus sujeitos.

Outra experiência que temos vivido em São Gonçalo é o “Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita de São Gonçalo (FALE SG)”, coordenado pelas Prof.<sup>as</sup> Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes e Mairce Araújo, articulado ao Vozes da Educação e ainda à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O FALE tem

como referência a narrativa de professores(as) alfabetizadores(as) sobre suas próprias práticas. Acontece a partir de encontros mensais tendo como público preferencial professores e professoras que atuam na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e estudantes do Curso de Pedagogia.

O principal objetivo dos encontros do FALE é garantir espaços de socialização, investigação, discussão e reflexão sobre a prática alfabetizadora que acontece no cotidiano escolar. Fortalecendo espaços dialógicos como esses, nos quais os/as docentes são convidados(as) a colocarem as suas palavras, dúvidas, certezas e incertezas, nos colocamos favoráveis a uma vertente de pesquisa que busca produzir um conhecimento junto com as professoras e não sobre suas práticas. O estranhamento, desnaturalização e ampliação dos saberes e fazeres docentes são perseguidos através da articulação entre a prática e a teoria. A cada encontro um(a) professor(a) pesquisador(a) vinculado(a) à Universidade e um(a) professor(a) pesquisador(a) vinculado à Escola Básica são convidados para conversar sobre um tema que atravessa a prática alfabetizadora cotidiana buscando caminhos para que a apropriação da leitura e da escrita seja, desde os primeiros momentos, um exercício da autoria e do pensamento crítico.

Assim, vamos ampliando, sistematizando e aprofundando a relação Escola e Universidade, bem como afirmando a professora da Escola Básica como pesquisadora, tomando como referência suas práticas produzidas no cotidiano escolar. A partir disto vamos buscando caminhos e pistas para o trabalho de formação docente, inicial e continuada, levando em conta a complexidade da escola e das práticas docentes.

O FALE tem sido um espaço privilegiado de produção de conhecimentos, onde são tecidos diálogos com as produções de alunos e professoras das escolas de São Gonçalo, revelando tensões vividas pelos educadores, mas também formas de enfrentamento e resistência que emergem nas narrativas das próprias escolas.

### **Algumas considerações finais**

Ao longo dos últimos 15 anos, o Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação, Memória e História das escolas de São Gonçalo vem

desenvolvendo diferentes ações de ensino-pesquisa-extensão buscando constituir espaços de memória, narração e formação para alunos(as) e professores(as) em um permanente diálogo com a cidade de São Gonçalo.

Privilegiamos como objetivos centrais a criação dos núcleos de memória e história nas escolas da rede municipal de educação de São Gonçalo; a reconstrução de acontecimentos do passado através de diferentes fontes como: arquivos, fotos, testemunhos verbais, cartas, etc., revivendo a história social, política e cotidiana da escola, a partir da compreensão da dimensão sociohistórica do processo de escolarização em São Gonçalo.

Temos, portanto, em nossos diferentes projetos apostado na produção de saberes e práticas que levem em conta as vozes e a potencialidade da escola<sup>13</sup>. Um conhecimento que fortaleça o caráter emancipador e autoral de uma formação docente ética, estética e politicamente comprometida com a construção de uma sociedade mais justa.

### Contribuição dos autores

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais, pesquisadora do Grupo Vozes, participou do desenvolvimento do projeto, escrita, revisão do texto e adequação às normas para publicação na Revista.

Mairce da Silva Araújo participou do desenvolvimento do projeto, escrita, revisão do texto e adequação às normas para publicação na Revista.

Marcia Soares de Alvarenga, atual coordenadora do Grupo Vozes, participou do desenvolvimento do projeto, escrita, revisão do texto e adequação às normas para publicação na Revista.

Maria Tereza Goudard Tavares participou do desenvolvimento do projeto, escrita, revisão do texto e adequação às normas para publicação na Revista.

### Referências

1. FETH, Monika; BORATYNSKI, Antoni. **O limpador de placas**. São Paulo, Ed. Brinque-Book, 1996, 28 p.
2. BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 421 p.
3. SANTOS, M. **Técnica espaço tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994, 190 p.
4. BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986, 196 p.

5. TAVARES, M. T. Percursos e movimentos: dez anos do Vozes da Educação em São Gonçalo. In: BRAGANÇA, I.F.; ALVARENGA, M. S.; ARAÚJO, M. et al. (Orgs.). **Vozes da Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores**. Petrópolis: DP et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007, p. 21.

6. BRAGANÇA, I.F.; ALVARENGA, M. S.; ARAÚJO, M. et al. (Orgs.). **Vozes da Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores**. Petrópolis: DP et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007, p. 7-17.

7. NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dezembro de 1993.

8. CANÁRIO, R. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006, 208 p.

9. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, 469 p.

10. SEGALA, L. Identidade, educação e patrimônio: o trabalho do Laboep. In: **Revista Eletrônica do IPHAN**, Dossiê Educação Patrimonial, vol.3, jan/fev 2006, p.1-4. Disponível em: <http://www.laborjor.unicamp.br>. Acesso em: 10 de agosto de 2011.

11. FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978, 150 p.

12. ARAÚJO, M; TAVARES, M. T. G. Vozes da educação: interfaces entre ensino-pesquisa-extensão na formação de professores. In: **Vozes em Diálogo**, v. 1, n. 1, jan/jun de 2008. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br>. Acesso em: março de 2008.

13. MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; ARAÚJO, Mairce da Silva. Alfabetização e analfabetismo no Brasil: algumas reflexões. **Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**. (USP), Ano V, n. 9, 2010, p. 105-120.

### Abstract

The article seeks to problematize concepts of extension from the socialization experiences of training-research group lived in the "Voices of Education," especially those aimed at the rescue stories of schools in São Gonçalo, Rio de Janeiro. In this sense, we have advocated the construction of narrative spaces in schools where teachers, employees and students sharing stories and memories, knowledge and practices, utopias and horizons. This movement envisions the revitalization of the role of extension in training and teaching activities.

**Keywords:** Extension; Teacher Training; Voices of Education